

O PAPEL DA GUERRA NAS SOCIEDADES MESOAMERICANAS: OS MEXICAS (ASTECAS)

Autor: Pablo Martins Bernardi Coelho¹

Instituição de Origem: Universidade Estadual Paulista Júlio
de Mesquita Filho – UNESP/FRANCA

Orientadora: Ana Raquel Marques da Cunha Martins
Portugal

Agência financiadora de pesquisa: CAPES

RESUMO

O presente estudo concentra em analisar o papel da guerra nas sociedades mesoamericanas, colocando as questões militares em um contexto social e histórico para mostrar sua importância na criação e manutenção da Mesoamérica como uma área de cultura. Nesse sentido, discutiremos alguns aspectos da guerra e das sociedades guerreiras no território mesoamericano estabelecendo como exemplo principal a população Mexica.

Palavras-chave: Mesoamérica; Mexicas; guerra; cultura

AGUERRA NA MESOAMÉRICA

O papel da guerra foi essencial para a configuração da Mesoamérica² como uma área cultural. O padrão de difusão e integração cultural desta região está claramente relacionado com a história de suas expansões militares. Como um fenômeno social humano, a guerra envolveu múltiplas causas, por isso, não podemos considerar somente como se fosse um ato de força para impor ao adversário a sua vontade. Seus objetivos vão além, desde os de índole histórico-cultural e social, até os de caráter econômico e político.

De acordo com as fontes utilizadas, nesta pesquisa, sabemos que no início do século VII, quando entrou em decadência a cidade de Teotihuacán e os bandos de caçadores-guerreiros regularizaram seu domínio sobre populações de agricultores-artesãos, iniciaram-se mudanças significativas na estrutura sócio-política dos povos mesoamericanos. Este contexto marcou o início de uma época em que a guerra era de vital importância por se tornar padrão de domínio através da violência e ser considerada como fator básico de uma estrutura social e de uma organização estatal inovadora. Anteriormente, o Estado e a sociedade eram regidos por uma teocracia. Neste período (período clássico), relativamente tranquilo:

Las tribus nómades seguramente efectuaban ciertas correrías en las zonas limítrofes; pero éstas no serían de gran importancia y una incipiente militar era suficiente para mantenerlas a

raya. Esa milicia no debe haber tenido ninguna influencia en el sistema político teotihuacano, éste se basaba en una férrea teocracia que no podía permitir que un nuevo poder se elevase frente al suyo. (CANSECO, 1966, p.127).

Porém, não devemos descartar que desde aquele período a guerra, ainda que irregularmente exercida para a defesa, expansão territorial, pacificação ou obtenção de vítimas e escravos, exercia gradual importância³. Isabel Bueno afirma que a idéia do suposto pacifismo no período clássico da Mesoamérica, está completamente descartada, considerando que nunca houve grandes períodos pacíficos naquele território (BUENO, 2006, p. 253). Ela corrobora seu argumento ao expressar que todas as cidades mesoamericanas importantes estavam muito próximas uma da outra, tendo o mesmo acesso aos lugares onde se concentravam os recursos naturais, e que o desejo de controlar esses bens e assim obter hegemonia política e econômica estava latente em todas as épocas (BUENO, 2006, p. 254).

O fenômeno da guerra institucionalizada (desde a queda de Teotihuacán) estabeleceu novas pautas para a promoção e a diferenciação social, implicou na superposição de uma elite de guerreiros, na inclusão de comando, numa inteligência militar e na criação simultânea de normas de exclusividade – linhagens de guerreiros -, paralelas a fórmulas da participação popular no exército, sancionadas e premiadas por aqueles que mantinham o controle do poder e a exclusividade do manejo da força. A “*nahuatlización*” dos chichimecas e sua fusão numa nova ordem social formaram paralelas à emergência de um governo cuja atividade tendeu, desde então, à execução da tarefa de organizar a ação guerreira para proteger a comunidade de inimigos exteriores, procurar recursos por meio da agressão armada e manter a ordem interna de uma sociedade multi-ética.

Em uma sociedade imersa na ação bélica, o exército converteu-se em um dos setores mais privilegiados da sociedade. Não obstante, “*esta sociedad – el ejército – dentro de su contexto amplio, debe ser analizada como segmento dependiente de un todo o del conjunto, como un cuerpo que idealmente actúa coordinado por acuerdos relativos*” (LAMEIRAS, 1985, p. 156). Sobre esta abordagem, procede o conhecimento da participação social e militar diferenciada (sexual, étnica, por grupos de idade, técnica), a distinção dos corpos do exército (segundo o extrato social, experiências, etc.), a organização de sua ação no combate e as diferenciações que, socialmente, se realizavam depois da guerra. O problema social da guerra, contudo, vai mais além: quanto ao surgimento de uma sociedade militarista devemos indagar como foi integrada a guerra, quais eram os objetivos sociais do conflito armado e como se procedeu, em termos sociais, a organização dos mecanismos e os corpos de ataque e de defesa, sua constituição e relação com outros setores sociais.

Porém, é, talvez, em seu aspecto político, onde a guerra alcança seu maior significado, no momento em que o conflito armado regularizado, sistematizado dirigido e ideologizado pelos quadros do comando militar relaciona-se com o contexto que inclui, igualmente, o manejo da produção, a distribuição, o intercâmbio, a estratificação, a hierarquização social e vários outros aspectos sociais de importância.

As difíceis condições da produção alimentícia em muitas regiões da Mesoamérica (por

exemplo: escassez de materiais para a construção e mão-de-obra para ampliação de obras de irrigação) levaram as populações a depender dos setores sociais implicados na solução, destes problemas,

[...] por tanto esa producción habría de iniciarse con la guerra para obtener alimentos, materiales y mano de obra, con la planeación y dirección de las obras basadas en el sostenimiento de un grupo de funcionarios pagados por la guerra y con el mantenimiento político de todo ello, no independiente de los bienes que le llegaban por vía de la conquista material o la dominación por la acción violenta de una ideología (LAMEIRAS, 1985, p. 157).

Neste caso, a organização que o Estado consegue, tem relação com a frequência da guerra, com sua capacidade de controlar o grupo armado, com o planejamento e direção de suas funções e com o convencimento político e ideológico necessário para se obter a subordinação. Assim, a subordinação pode incluir a existência de mecanismos paralelos do governo, através dos quais se permite regular a participação de outros setores sociais. Por isso, provavelmente, os Mexicas conseguiram manter a exclusividade de sua elite militar e o controle do armamento e, ao mesmo tempo, ampliar e sistematizar a possibilidade de mobilidade social e premiação àqueles que adquiriam grandes feitos nas batalhas (esta medida mostrava-se indispensável para manter o espírito de guerra entre os combatentes).

Nota-se que, a guerra e o Estado na Mesoamérica (referimos ao tipo de Estado militarista que existia antes da chegada dos conquistadores) tiveram íntima relação. A conquista, a dominação da população, de seu território e a formação de uma estrutura complexa de funcionários, incluindo um exército regular, implicou, necessariamente, em uma maior ordem, em assistência recíproca e em integração social as quais contribuíram para configurar um novo Estado que, por sua vez, resultou na projeção e força de um exército profissional, porém controlado por aquele.

Em síntese,

[...] la guerra llevó al desarrollo de un Estado del que dieron cuenta los invasores iberos en el centro de Mesoamérica desde los inicios del siglo XVI. Este Estado difícilmente se puede explicar sin el uso de la violencia en su exterior. A través de ella se logró controlar un territorio, una integración económica, una estructura social y una formación sui generis en la que la milicia, la 'burocracia' agroadministrativa e hidráulica, los comerciantes, los sacerdotes, el sistema educativo y la ideología 'nacional' se estructuraron e relacionaron bajo el control del Estado. (LAMEIRAS, 1985, p. 162).

Talvez o melhor exemplo para ilustrar tudo o que foi esboçado até agora, no âmbito mesoamericano, seja a sociedade mexicana. Ela “*supo crecer sobre la base una tradición heredada y como última representante de ese mundo fascinante, que se apagó luchando valientemente por defender su*

hegemonía, desarrolló toda esta herencia alcanzando unas dimensiones sin precedentes en Mesoamérica” (BUENO, 2006, p. 257).

Herdeiros dos povos que os antecederam, no planalto de Anahuác (Mesoamérica), os Mexicas representam uma síntese da produção sócio-cultural desenvolvida ao longo de vários séculos, naquele território. Na efetivação deste quadro, as guerras tiveram papel fundamental, visto que através delas os Mexicas conseguiram desenvolver e consolidar seu poder sobre os demais povos da Mesoamérica.

Sabemos que Tenochtitlán (capital Mexica) foi fundada em uma ilha do lago Texcoco, e que com a crescente população tornava-se impossível contar com terras suficientes para o seu abastecimento. A necessidade de conquistar mais terras era eminente. Dada a proximidade das cidades e, sobretudo, o domínio de grande parte daquele território por Azcapotzalco, pareceu pouco provável que os Mexicas pudessem obtê-las pela via pacífica. Assim, a ausência de terras cultiváveis e o desejo de dominar rotas comerciais e seus monopólios foram motivos mais que justificados para que Tenochtitlán vivesse em um permanente estado de guerra.

Por volta de 1390, morreu Acamapichtli, primeiro governante (Huey tlatoani⁴) Mexica. Ele e seus sucessores imediatos, Huitzililuitl (1390-1415) e Chimalpopoca (1415-1426), ainda estavam sujeitos aos Tepanecas de Azcapotzalco, um senhorio formado pela fusão dos povos de descendência teotihuacana, tolteca e chichimeca e que, nessa época, exerceram hegemonia no planalto central.

Em 1426, após a morte de Chimalpopoca, irrompeu a guerra entre os Tepanecas e os Mexicas. Com a ajuda de vários outros povos, também sujeitos a Azcapotzalco, os Mexicas tomaram-se vitoriosos, significando a total independência do seu território e o ponto de partida de suas conquistas futuras. Como consequência, foi empreitada uma ampla reestruturação política, social e ideológica em sua sociedade.

Nesse sentido, Itzcoatl (1426-1440) auxiliado pelo seu conselheiro Tlacaelel⁵ empregou uma série de reformas ideológicas, nas quais as guerras assumiram um caráter fundamental dentro da sociedade mexica. Por volta de 1430, Itzcoatl ordenou a queima dos livros antigos, tanto os anais quanto os de conteúdo religioso. Em seu lugar foi desenvolvida e imposta uma nova tradição que transmitia uma imagem do passado, adequado às exigências e ideais do grupo cuja dominação estava em processo de rápida expansão.

Tlacaelel forjou o que hoje chamamos de “consciência histórica”, sendo formulada uma nova visão histórica e religiosa do passado Mexica. Para isso, foram produzidos novos registros concebidos para mostrarem o fundamento e a raiz da nova grandeza dos Mexicas, destacando a sua importância e alçando-os à condição de poderosos, tal como tinham sido os toltecas. Concomitantemente, o antigo deus patrono dos Mexicas, Huitzilopochtli, foi projetado ao mesmo plano das divindades criadoras dos tempos toltecas (LEÓN-PORTILLA, 1992).

Na época de Itzcoatl, o Estado Mexica preocupou-se em construir uma ideologia que controlasse os diferentes relatos sobre o passado dos povos do Vale do México, passando a proliferar e a ganhar força à versão Mexica sobre esse passado. O culto a Huitzilopochtli passou a ser o culto oficial do Estado Mexica e conseqüentemente, dos povos subordinados a estes. Esse fato permitiu que no

período de esplendor fosse formulado um relato que apresentava os Mexicas como um povo predestinado pelos deuses para a conquista, o que legitimava a posição dos mesmos dentro da Tríplice Aliança⁶.

Deste modo, legitimando o destino bélico dos Mexicas com a exaltação do mito de nascimento de Huitzilopochtli, Tlacaélel promoveu uma campanha militar baseada em preceitos de narrativa mítica, modificando certos aspectos da tradição ancestral, de forma a justificar reformas nos campos político e ideológico (ARCURI, 2003). Este passou a legitimar as guerras introduzindo

[...] necesidad de mantener la vida del sol – Huitzilopochtli – con el agua preciosa de los sacrificios. Supo inculcar a los varios reyes mexicas, de quienes fue consejero, la idea de que su misión era extender los dominios de Huitzilopochtli para obtener víctimas, con cuya sangre pudiera preservarse la vida del sol. (LAMEIRAS, 1993, v. 1, p. 395).

Por isso, os Mexicas entendiam que os seres humanos do Quinto Sol⁷ deveriam dedicar toda sua energia e vida a seus criadores. “Uma vez que foi um sacrifício primevo dos deuses que criou e colocou o sol em movimento, somente mediante o sacrifício físico dos homens é que a era atual poderia ser preservada”. Desta forma, a “guerra para prear vítimas para os ritos sacrificiais eram suas atividades centrais, o próprio núcleo de sua vida pessoal, social, militar e política” (ELLIOT in BETHELL, Leslie 1988, v. 1, p. 57).

Assim, a política ideológica Mexica introduzida no reinado de Itzcoatl passou a promover a idéia de que os Mexicas tinham a missão de defender o Quinto Sol da morte, de forma a evitar o fim daquela era. Para isso era preciso oferecer corações sacrificados ao Sol, o que implicava na necessidade constante de manter cativos de guerra para que pudessem ser sacrificados, o que legitimava em última instância, a política expansionista Mexica. O povo Mexica constituía-se no povo, eleito pelo Sol, dotado de uma missão cósmica: evitar o cataclisma que daria fim a idade do Sol (LEÓN-PORTILLA, 1992). Nesse sentido,

[...] los dioses fuesen servidos con sacrificios de hombres con la frecuencia necesaria[...] Y que la que más a esta movía era la honra y ensalzamiento de su dios Huitzilopochtli, al cual pues tenían ya templo, era justo hubiese víctimas que ofrecerle (DURAN, 1967, v. 2, p. 235).

Os sacrifícios eram promovidos em homenagem a Huitzilopochtli em agradecimento à proteção e às vitórias destes sobre os outros povos:

[...] ensalzasen y aventajasen la altura de la casa y templo de Huitzilopochtli, y que allí ni mas ni menos se comenzase el sacrificio de Huitzilopochtli, con matar allí a los huastecos presos, y que estos tales despues de haber hecho el gran Cú muy alto, le hicieron gradas, y en médio se puso el tajon, adonde habian de ser muertos los tales esclavos habidos en guerra, y para

recordacion de el rey Chimalpopoca que lo habia comenzado a hacer que seria cosa justa. Respondio Cihuacoatl Tlacaeleltzin que estaba muy bien acordado, y que el tajon no fuese de madera, si no de piedra redonda, en médio agujerada para echar los corazones de los cuerpos que alli muriesen, después de haber gastado la sangre de ellos caliente Huitzilopochtli; y que esta piedra no la labrasen los huastecas, sino los de Atzacaputzalco y Cuyuacan excelentes albañiles, labrando en dicha piedra la guerra de sus pueblos cuando por vosotros fueron vencidos y muertos y sugetados a este nuestro imperio mexicano (TEZOZOMOC, 1975, p. 318-319).

Por isso, o guerreiro Mexica teria como desafio tomar vivo o adversário, pois sua vida pertencia a seus deuses e era impróprio que o guerreiro a desperdiçasse no campo de batalha. Logo,

[...] quando se chegava corpo-a-corpo, a batalha tomava um aspecto complementemente diferente do que qualquer outra do nosso mundo antigo. É que não se tratava tanto de matar inimigos, como de capturá-los para sacrificar. Os combatentes eram seguidos por “especialistas” para amarrarem com cordas aqueles que eram derrubados, antes que pudessem voltar a si (ELLIOT in BETHELL, Leslie 1988, v. 1, p. 158).

Assim, Huitzilopochtli representava tudo o que os Mexicas deveriam ser, se sua vinda e ofício era fazer a guerra e este era o meio para obter riqueza, os Mexicas seriam o instrumento dessa vinda e gozariam dessas riquezas e poder:

Ea, mexicanos, que aquí ha de ser vuestra cargo y oficio, aquí habéis de aguardar y esperar; y de cuatro partes cuadrantes del mundo habéis de conquistar, ganar y avasallar para vosotros, tened cuerpo, pecho, cabeza, brazos y fortaleza, pues os ha de costar así mismo sudor, trabajo y pura sangre, para que vosotros alcancéis y gocéis das finas esmeraldas, piedras de gran valor; oro, plata, fina plumería, preciadas colores de pluma, fino cação de lejos venido, lanas de diversos tintes, y otras muchas cosas de mucho placer y contento, pues habéis plantado y edificado vuestra propia cabeza, cuerpo, gobierno, pueblo de mucha fortaleza en este lugar de Coatepec (TEZOZOMOC, 1975, p. 318-319)

Portanto, partindo desta visão cosmogônica, os Mexicas acharam-se obrigados, dando continuidade às imolações a que se tinham submetido os deuses, a sacrificar seres humanos, cujo sangue, contendo uma substância mágica denominada *chalchivatl*, determinava a manutenção existencial do sol e, por conseguinte, do universo. Caso estas práticas imoladoras cessassem, acreditavam os Mexicas que o mundo se extinguiria.

Assim, a necessidade de se sacrificar seres humanos para satisfazer a sede de sangue dos deuses só seria possível com a ocorrência de guerras regulares, cujo intuito devia ser a de capturar guerreiros adversários ou subjugar o povo oponente para obrigá-los a ceder pessoas para imolá-las em função de seus deuses. Este costume correlacionava-se com a expansão da nação Mexica que impunha aos povos dominados sua autoridade. José Lameiras expressa que,

La ritualización de las guerras tenía como objetivo la preservación de la riqueza y la imagen política de la elite que las manejaba, como se puede comprender por la guerra pactada ritualmente entre los acolhuas y mexicas en tiempos de Huehue Moctezuma. Las guerras floridas aseguraban de modo muy efectivo el orden jerárquico. Fundadas en el mito, protegían contra cualquier cambio social, tanto al mecanismo selectivo, como la jerarquía que ésta confirmada; demostraban a la sociedad que no podría prescindir de los guerreros, y en tanto se creía en el mito, la posición de los guerreros permanecía inexpugnable (LAMEIRAS, 1993, v. 1, p. 397).

Assim, manter a vida do sol, também compreendia que, através de suas guerras para a conquista de vítimas sacrificiais, ampliavam igualmente seu domínio e satisfaziam suas crescentes necessidades econômicas.

Percebe-se que, para os Mexicas, as guerras tiveram papel fundamental, visto que através delas conseguiram desenvolver e consolidar seu poder sobre os demais povos da Mesoamérica. Guerreavam perante a necessidade de expansão e busca de recursos (terras, água, bosques, etc.), perante o crescimento demográfico, perante as necessidades de se praticar a guerra de caráter religioso-político, enfim, tornou-se o mecanismo tradicional para solucionar qualquer tipo de problema ou conflito existente naquelas nações. Como sublinha Frei Toribio de Benavente Motolinía:

Todos estavam sempre envolvidos em guerras, uns contra os outros, até a chegada dos espanhóis. Era costume geral em todos os povos e províncias deixar nas fronteiras uma grande porção de campo ermo para as guerras. E se por acaso alguma vez fosse semeado, o que era muito raro, os que o semeavam nunca gozavam da colheita, porque os inimigos o arrasavam e destruíam (MOTOLINIA apud IRABIRU, 2005; tradução Permanência).

Desse modo, a guerra além de ser uma razão de Estado, foi o meio pelo qual a civilização Mexica conseguia articular seu propósito social, sendo que para seu povo, o destino do guerreiro representava a oportunidade de transcender sua existência e dar sentido a sua própria vida. O sacrifício dos deuses pelos seres humanos e o sacrifício dos seres humanos para manter o sol em movimento, estruturava-se como uma interminável cadeia de acontecimentos a qual unia o humano com o divino, o

céu com a terra.

Nesse sentido,

*[...] una nueva imagen lograda tras el triunfo les dio un acrecentado poder al exterior; entanto, en el interior les permitió la recreación de una vigorosa ideología sobre la legitimidad del gobierno militar y sus recursos para el uso de la violencia. **El Estado militar se perfeccionaba en Mesoamérica en una forma no antes vista y esa perfección llevaría incluso al control sobre la tradición histórica: tras de la victoria sobre Azcapotzalco, que lo fue también la de los mexica-tenochca sobre otros grupos de su propio origen, las viejas historias fueron desechadas en favor de la versión de la facción triunfante.** Las tradiciones que recogían cualquier relación de la dominación de Azcapotzalco, debieron por ello de ser destruidas y eso justamente hicieron los militares tenochca triunfantes (BOEHM, 1981, p.781-782, grifo meu).*

Se a atuação de Itzcoatl constituiu a base material para a formação de um Estado, a de Moctezuma Ilhuicamina havia de reconhecer a ereção formal de um complicado comando que incluiu territórios, anteriormente, não incorporados pela força ou política, e a integração efetiva deles por via da administração e da “burocracia” (LAMEIRAS, 1985). Para enfrentar a nova situação, sua organização política foi ampliada a fim de tornar-se mais eficiente. Uma das medidas adotadas foi a elevação do poder do *Huey tlatoani* (poder supremo e absoluto). Detinha esse papel supremo, não por sucessão hereditária, mas por eleição. A eleição do *Huey tlatoani* era dever e privilégio de um número limitado de *pipiltin*⁸. As qualidades pessoais eram, cuidadosamente, examinadas pelos eleitores. Na verdade, não votavam, pois seu propósito era chegar a uma decisão unânime.

O cargo de governante supremo era complementado por um assistente e conselheiro, o *cihuacoatl*. Os deveres mais importantes desse conselheiro, anota Alfredo Lopes Austin:

[...] era la suplencia del tlatoani em casos de ausência o muerte, durante el tiempo que transcurría hasta una nueva elevación. Representaba al monarca en el campo de batalla cuando éste no iba al frente del ejército en las grandes campañas. Jugaba un importante papel en materia hacendaria, judicial y cultural (LOPEZ-AUSTIN, 1985, p. 120).

Todas as cidades, quer as dos Mexicas e de seus aliados (Texcoco e Tlacopan), quer aquelas que foram conquistadas por eles, eram governadas por indivíduos nomeados pelo governante supremo. Esses governadores eram os *tlatoque* (plural de *tlatoani*). Em algumas circunstâncias, o governante supremo enviava um dos *pipiltin* da metrópole Mexica para governar um domínio subjogado. Em outros casos, era permitido que os membros do antigo grupo governante das cidades conquistadas permanecessem no cargo após um novo juramento de obediência (ELLIOT in BETHELL, Leslie 1988, v. 1,

p. 45).

Em termos da organização de grandes contingentes, o exército e a guerra ocuparam um lugar destacado no governo de Moctezuma: os corpos militares cresceram, a instrução e a educação na arte da guerra formalizaram-se no *Telpochcalli* e no *Calmec*⁹. Com a expansão das fronteiras, a criação e a manutenção de uma larga cadeia de guarnições militares resolveu os problemas de segurança e da sustentação das rotas de comércio e transporte de tributos. A frequência das guerras devastadoras e a crescente distância dos territórios conquistados levaram a uma sobressalente organização de grupos de colonização, de governos militares e de uma estrutura de arrecadação e administração dos tributos.

Assim, essas mudanças proporcionaram uma contínua expansão política e econômica dos Mexicas, nas quais, aliadas com o amplo desenvolvimento do comércio foram responsáveis pela crescente prosperidade do “império”¹⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com nossa análise, percebemos que a guerra na Mesoamérica teve um caráter fundamental, demonstrando ser essencial na criação e manutenção daquele território como uma área de cultura. A guerra fazia parte de toda a estrutura social, econômica, política e cultural dos povos mesoamericanos. Por isso, as questões militares estavam muito presentes entre os povos daquele território.

Efetivamente, como temos comprovado, os indígenas eram muito hábeis no manejo de todo tipo de armas, no planejamento das campanhas, tanto no que se refere à logística como à estratégia, e isto pareceu requerer uma preparação especializada que se transmitia nas escolas controladas pelo governo, juntamente com uma doutrina que motivava a sociedade a ser parte da maquinaria bélica como a opção mais atrativa.

Deste modo, estamos falando de sociedades em que as questões militares estavam muito presentes e que cada vez cobrava mais importância. Os governos mesoamericanos, conscientes disso, empreenderam reformas que afetaram a educação, pilar fundamental para obter soldados, que não questionavam em dar suas vidas nos campos de batalha, pois eram doutrinados desde crianças, nas escolas que o Estado impunha como obrigatória. Remodelaram o exército de tal forma que ampliaram suas bases, construindo na sociedade uma ideologia em que a fama e o prestígio social tornaram-se imprescindíveis para ser respeitado e para ascender a cargos políticos dentro do complexo da administração.

A religião tinha um caráter oficial muito dependente do poder político, pois aceitava um panteão de novos deuses guerreiros. O “evangelho” que era pregado a seus fiéis fazia-os acreditar que eles eram um povo escolhido, a cumprir com a missão que os condenava a uma guerra permanente, a qual acabaria com a ira desses deuses, que se sacrificavam por eles, para criá-los e oferecer-lhes um mundo que proporcionava tudo de que necessitavam. Assim, o guerreiro mesoamericano teria como desafio

tomar vivo o adversário, pois sua vida pertencia a seus deuses e era impróprio que o guerreiro a desperdiçasse no campo de batalha. Deste modo,

[...] quando se chegava corpo-a-corpo, a batalha tomava um aspecto completamente diferente do que qualquer outra do nosso mundo antigo. É que não se tratava tanto de matar inimigos, como de capturá-los para sacrificar. Os combatentes eram seguidos por “especialistas” para amarrarem com cordas aqueles que eram derrubados, antes que pudessem voltar a si. (ELLIOT in BETHELL, Leslie 1988, v. 1, p. 268-269).

Contudo, a guerra também influenciou a economia mesoamericana, pois o comércio proporcionava riqueza ao regime político imperante frente aos outros governos. As campanhas eram dirigidas para a obtenção de alimentos, terras e principalmente para aquisição de tributos. Não havia dúvida de quanto era importante para a sobrevivência a manutenção do fluxo de tributos. Para isso, quanto mais guerras, mais povos subjugados e em consequência, mais tributos para sua sustentação. O comentário de José Luis de Rojas ilustra a assertiva acima:

El territorio Oaxaqueño tenía una clara posición estratégica, ya que por él circulaba una de las principales rutas comerciales existentes: la que se dirigía al Soconusco. Existen dudas acerca del territorio exacto que se llegó a conquistar con el objetivo de asegurar dicha ruta, debido a que los pueblos por los que pasaba no tributaban al Imperio, aunque parece lógico aceptar que en realidad tributaban de una manera distinta: protegiendo militarmente dicha ruta. (DEROJAS, 1989, p. 93).

Nesse sentido, “*La práctica directa en el combate o la enseñanza formalizada de las artes marciales – previa la acción profesional – fueron el destino de prácticamente todo hombre en la sociedad mexicana*” (LAMEIRAS, 1985, p. 97). O significado da guerra e o ideal da participação masculina nela se expressam claramente na seguinte citação:

[...] Mexicanos y hijos míos: este es vuestro oficio; no os crió el señor de lo criado del cielo y de la tierra y de la noche y el día para que os pongáis faldellines, como mujeres, ni camisas, sino para que con lan rodela y la espada y flecha y vara mostreís el valor de vuestro corazón. (DURAN, 1967, v. 1, p. 182).

Apesar dos resultados destrutivos que a guerra causou no México pré-hispânico, não podemos negar que foi um formidável ativador da economia, dá integração de regiões produtivas diferenciadas, de mercados, da urbanização, da expansão e câmbio cultural. Neste último devemos mencionar não só a

propagação de práticas, usos e costumes civis, como a adoção de padrões militares para defender-se dos grupos hostis.

Observa-se que os efeitos de uma atividade militar normalizada na Mesoamérica, ao menos desde o século X; a sucessão de guerras e campanhas militares combinadas ou alternadas com os trabalhos na produção, o intercâmbio, a administração governamental e a reprodução social, imprimiram às sociedades indígenas um profundo caráter bélico. As múltiplas instâncias do cotidiano, a distribuição das ações diárias entre os indivíduos e grupos, reservaram um momento especial necessário para o empreendimento guerreiro: desde elaborar armas e vigiar, até recordar os parentes mortos em combate e orar aos deuses para pedir proteção e êxito, na contenda.

BIBLIOGRAFIA

- ARCURI, Márcia. **Os sacerdotes e o culto oficial na organização do Estado mexica**. 2003. 264 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- BARLOW, Robert H. **Los mexicas y la triple Alianza**. México, DF: INAH, Puebla: UDLA, 1990. v. 3.
- _____. **La extensión del imperio Culhua-tenochca**. México, DF: INAH, Puebla: UDLA, 1992. v. 2.
- _____. La Fundación de la Triple Alianza (1527-1433). **Anales del Instituto Nacional de Antropología e Historia**, México, DF, v. 3, p. 147-155, 1949.
- BUENO, Isabel. La guerra mesoamerica en época mexica. **Estudios de Cultura Náhuatl**, México, DF, v. 35. p.253-274, 2006.
- BOEHM SCHOENDUBE, Brigitte. **La formación del Estado en el México prehispánico**. Tese (doutorado em Antropologia) - C.I.E.S.A.S, México, DF, 1981
- CANSECO VINCOURT, Jorge. **La guerra sagrada**. México, DF: INAH, 1966.
- DE ROJAS, José Luis. El Xoconochco: ¿una provincia aislada del imperio? **Revista Española de Antropología Americana**, Madrid, n. 19, p. 91-107, 1989.
- DURÁN, Fray Diego. **Historia de las indias de Nueva España**. México, DF: Ed. Nacional, 1967. v. 1-2
- ELLIOT, J. A Mesoamérica antes de 1519. In: BETHELL, Leslie (Org.). **Histórica da América Latina: América Latina colonial** São Paulo: Edusp, 1988. v. 1
- IRABIRU, José. **Hecho de los Apostolos en la America**. 3. ed. Pamplona: Fundación Gratis Date, 2003. Tradução Permanência. Disponível em: <<http://www.gratisdate.org/nuevas/hechos/default.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2007.
- LAMEIRAS, Brigitte Boehm de. **Estratégia geopolítica de las formaciones estatales del México prehispánico**. Madrid, Simposio sobre Mesoamérica y Peru, 1978.
- LAMEIRAS, José. **Los déspotas armados**. México, DF: Colégio Michoacán, 1985.
- _____. La guerra en el México antiguo. **Arqueología Mexicana**, México, DF, v. 1, n. 4, 1993.
- _____. El militarismo en Mesoamérica en el siglo XVI. In: LOMBARDO, Sonia; NALDA, Enrique

(Coord.). **Temas Mesoamericanos**. México, DF: INAH, 1996. (Obra Diversa).

LEÓN PORTILLA, Miguel. Izcóatl, creador de una cosmovisión guerrera. **Revista de la Universidad de México**, México, DF, v. 11, p. 4-14, 1956.

_____. **Visión de los vencidos: crónicas indígenas**. Madrid: Historia 16, 1985.

_____. **Los antiguos mexicanos a través de sus crónicas y cantares**. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1968.

_____. **Literaturas indígenas de México**. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1992. Madrid: MAPFRE, 1992.

_____. **Toltecayótl, aspectos da cultura Náhuatl**. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1980.

LÓPEZ AUSTIN, Alfredo; LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. **El pasado indígena**. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1996.

_____. Organización política em el altiplano Central de México durante el Postclásico. **Historia Mexicana**, México, DF, v. 23, n. 4, 1985.

_____. **La educación de los antiguos Nahuas**. México, DF: Consejo Nacional de Fomento Educativo: Ediciones El Caballito, 1985. v. 1-2. Mexico:

Secretaría de Educación Pública, 1985.

TEZOZOMOC, Alvarado Fernando. **Crónica Mexicana. y Códice Ramirez**. 2. ed. México, DF: Porrúa, 1975

NOTAS

¹ Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Franca

² Alguns estudiosos alemães, particularmente Eduard Seler (1849-1922), introduziram há alguns anos a expressão Mittel America para designar a região onde floresceu uma alta cultura indígena no México Central e meridional e no território contíguo dos países do norte da América Central. Muitos anos depois, em 1943, Paul Kirchhoff, em seu “Mesoamérica: Sus Limites Geográfico, Composición Étnica y Caracteres Culturales”, **Acta Anthropologica**, 1: 92-107 (Escuela Nacional de Antropología, México, 1943), focalizou sua atenção nos limites geográficos do que ele chamou Mesoamérica. Para ele, Mesoamérica é mais que um termo geográfico: designa também a região em que altas culturas e civilização nativas desenvolveram-se e disseminaram sob várias formas e em épocas diferentes. De acordo com sua análise, no momento da invasão européia, em 1519, suas fronteiras ao norte eram o rio Sinaloa a noroeste e o Panuco a nordeste, enquanto que no centro-norte ela não se estendeu além da bacia do rio Lerma. Seus limites ao sul eram o rio Motagua, que desemboca no golfo de Honduras no mar dos Caraíbas, as praias meridionais do lago Nicarágua e a península de Nicoya na Costa Rica.

³ Vich Angel Palerm solicitou a necessidade de revisar as premissas e conclusões daqueles que haviam considerado ausente a prática guerreira no período arcaico e clássico da mesoamérica. Afirma que, “El emplazamiento estratégico de Monte Albán y Montenegro, centros clásicos de primer orden, contradice el que las ciudades pretoltecas generalmente se asentaban en lugares abiertos”. Igualmente mencionou as interpretações de Caso (1927), Rands (1952) e Marquina (1951) sobre representações bélicas entre os zapotecas, mayas e teotihuacanos. Para isso se apoiou em fontes escritas como a de Cortés, Torquemada e Durán com a intenção de “sugerir una nueva línea de ataque al problema de la guerra y de sus evidencias factuales [arqueológicas] (PALERM, 1956, p. 123-124)